

Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

ISSN 1807-376X

Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

Nº 9

junho/2007



Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

EDITOR

José Alexandre Felizola Diniz

MAX, Universidade Federal de Sergipe

COMISSÃO EDITORIAL

Albérico Queiroz	UNICAP
Ana Lúcia Nascimento	UFRPe
André Prous	UFMG
Aracy Losano Fontes	UFS
Beatriz Góes Dantas	UFS
Cláudia Alves Oliveira	UFPe
Emílio Fogaça	UCG
Gilson Rodolfo Martins	UFMS
José Alexandre F. Diniz Filho	UFG
José Luiz de Moraes	MAE/USP
Josefa Eliane de S. Pinto	UFS
Márcia Angelina Alves	MAE/UDP
Maria Cristina de O. Bruno	MAE/USP
Marisa Coutinho Afonso	MAE/USP
Pedro Ignácio Schmitz	IAP/RS
Sheila Mendonça de Souza	FIOCRUZ
Suely Luna	UFRPe
Tânia Andrade Lima	M.N/UFRJ

Pede-se permuta
Ou demande l'échange
We ask for exchange
Pede-se canje
Si richiede lo scambo
Mann bitted um austausch

Home Page: www.max.org.br

E-mail: max@ufs.br

A revisão de linguagem, as opiniões e os conceitos emitidos
nos trabalhos são de responsabilidade dos respectivos autores.

EDITORIAL

Em sua nona edição, a revista CANINDÉ apresenta à comunidade científica sete artigos e duas notas, abrangendo uma temática variada, tendo como foco, sobretudo, a produção arqueológica, mas avançando na questão teórica sobre esse campo do conhecimento e chegando à relação entre essa produção, a questão patrimonial e os museus.

Ao lado dos livros regularmente publicados, o MAX tem em sua revista bianual o veículo básico para divulgar, tanto sua produção, quanto a de outros pesquisadores, no ensejo de contribuir para o crescimento da Arqueologia brasileira.

SUMÁRIO

Editorial	5
-----------------	---

ARTIGOS

- A ARQUEOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL: UMA DISCIPLINA NO FIO DA NAVALHA 11
TANIA ANDRADE LIMA

- COMPLEXIDADE SOCIAL E RITUALIDADE FUNERÁRIA EM XINGÓ: APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS MORTUÁRIAS DO SÍTIO JUSTINO, CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO-SE 25
CLEONICE VERGNE

- ARQUEOESTATÍSTICA APLICADA AO ESTUDO COMPOSICIONAL DE CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS 59
J.O. SANTOS, C.S. MUNITA, M.E.G. VALÉRIO, C. VERGNE

- ATRIBUTOS FORMAIS E TECNOLÓGICOS DA INDÚSTRIA LÍTICA DO SÍTIO TOPO, CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO – SE: ESTUDO DA ORGANIZAÇÃO TECNOLÓGICA PARA COMPREENSÃO DO SISTEMA DE ASSENTAMENTO REGIONAL EM XINGÓ 89
MARCELO FAGUNDES

- PATRIMÔNIO CULTURAL E IDENTIDADE: DECIFRANDO TERRITÓRIO(S) NO MUNICÍPIO DE IEPÊ-SP 123
JANETE VALÉRIA DOS SANTOS

- GENÉTICA QUANTITATIVA EVOLUTIVA E O TAMANHO DO CÉREBRO EM *Homo floresiensis* 157
JOSÉ ALEXANDRE FELIZOLA DINIZ-FILHO

- A FUNÇÃO SOCIAL DOS MUSEUS 169
MANUELINA MARIA DUARTE CÂNDIDO

NOTAS

- O ESTUDO DOS REGISTROS GRAVADOS PRÉ-HISTÓRICOS
NO VALE DO CATIMBAU, BUÍQUE – PE 191
ANA NASCIMENTO; FABIANA TINTO; DANIELLA MELO
- SUGESTÕES PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM
ARQUEOLOGIA POR CONTRATO 195
CARLOS COSTA; FABIANA COMERLATO
- INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES 201

A FUNÇÃO SOCIAL DOS MUSEUS*

MANUELINA MARIA DUARTE CÂNDIDO**

RESUME

Le texte discute la fonction sociale des musées par la présentation de moments de crises et ruptures, de l'établissement de nouveaux paradigmes, de l'enlargissement de concepts et de transformations dans la formation professionnelle.

Palavras-chave

Museu, Função social, Novos paradigmas, Crise de identidade dos Museus.

* Este artigo teve origem na elaboração da prova didática do concurso público para as disciplinas Museologia I e II do recém-criado curso de Museologia da Universidade Federal de Sergipe, realizada em 16 de março de 2007, no qual a autora foi classificada em primeiro lugar.

** Historiadora, especialista em Museologia, mestre em Arqueologia, Diretora do Museu da Imagem e do Som do Ceará a partir de 02 de abril de 2007. Museu da Imagem e do Som do Ceará. E-mail: manuelina@secult.ce.gov.br

« Un écomusée est (...) un miroir où cette population se regarde, pour s’y reconnaître, où elle recherche l’explication du territoire auquel elle est attachée, jointe à celle des populations qui l’ont précédée, dans la discontinuité ou la continuité des générations. Un miroir que cette population tend à ses hôtes, pour s’en faire mieux comprendre, dans le respect de son travail, de ses comportements, de son intimité. »

(La Muséologie Selon Georges Henri Rivière. França: Dunod, 1989. p. 142) – 22 janvier 1980

Considerando a Museologia como disciplina aplicada voltada à experimentação, sistematização e teorização do conhecimento produzido em torno da relação do homem com o objeto em um cenário, encontramos em Bruno a definição de seus problemas básicos:

*“1º) identificar e analisar o comportamento individual e/ou coletivo do homem frente ao seu patrimônio
2º) desenvolver processos técnicos e científicos para que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e contribua para a construção das identidades”*(BRUNO, 1995, p. 141-142).

Ainda no intuito de definir as bases da disciplina museológica, Bruno reitera a definição de fato museal de Waldisa Russio, mas delimitando o universo patrimonial: *“aquele de onde emergem os objetos e os artefatos”* (Idem, p.153). *“(...) este universo epistemológico é norteado pela noção de preservação, é organizado pelas características inerentes ao gerenciamento e administração da memória, mas trata, especificamente, da consolidação de um fenômeno de comunicação”*(Idem, p. 154-155).

As transformações conceituais da Museologia surgiram da necessidade de repensar os museus tradicionais e desencadear novos processos de musealização.

Alguns documentos internacionais referenciam esta mudança:

- A Declaração de Santiago do Chile de 1972, sobre *“O Papel do Museu na América Latina”*. Esta mesa redonda é considerada por

Desvallées, ao lado do colóquio “*Museu e Meio Ambiente*” (França, 1972), um dos momentos fundadores da chamada Nova Museologia (DESVALLÉES, 1992).

- A Declaração de Quebec (1984), na ocasião em que também foi criado o MINOM, Movimento Internacional para uma Nova Museologia, assinala o reconhecimento pela Museologia do direito à diferença (MOUTINHO *in* ARAUJO e BRUNO, 1995, p. 29).
- A Declaração de Caracas (1992), reafirma a prioridade à função sócio-educativa do museu, o estímulo à reflexão e ao pensamento crítico e a afirmação do museu como canal de comunicação (DESVALLÉES, 1992, p. 15-16).

Crise e renovação:

Durante uma parte significativa de sua trajetória a Museologia esteve atrelada ao estudo de coleções. O questionamento sistemático sobre a função dos museus na sociedade gerou uma profícua crise de identidades¹, a partir da qual novos papéis são incorporados. É a partir da reunião de Santiago do Chile, em 1972, que o papel social dos museus passa a fazer mais fortemente parte da agenda de discussões da Museologia, especialmente na América Latina.

Outros possíveis marcos de renovação apontados por Desvallées (1992, p. 15-17) são:

- Criação do M.N.E.S. (1982);
- Jornadas de Lurs (1966), que originaram a criação de diversos museus de sítio nos anos seguintes e a gestação do conceito de ecomuseu, mais tarde formulado por Georges Henri Rivière e Hugues de Varine;
- Nos Estados Unidos, a data fundadora poderia ser o novembro de 1969, um seminário sobre museus de vizinhança, com a presença,

¹ A expressão quer dizer, no entender de Jean Clair, em “*La fin des musées?*” (1971), a problematização em torno de qual seria a função do museu. Em suma, uma crise de identidade institucional. (*in* DESVALLÉES, 1992: 139-142)

- entre outros, de Emily Dennis-Harvey, animadora do Brooklyn Children's Museum e de John Kinard, que fundou, em 1967, Neighborhood Museum de Anacostia, em Washington;
- Reunião de Aspen (Colorado), em 1966, onde Sidney Dillon Ripley, da Smithsonian Institution, lança a idéia de um experimento de museu de vizinhança e resolve financiar a iniciativa de John Kinard em Anacostia;
 - Publicação do livro de Freeman Tilden sobre a interpretação do patrimônio, que aponta para o surgimento de centros de interpretação (1957);
 - Idéias já subjacentes a todos os escritos de Georges Henri Rivière e especialmente de Hugues de Varine, diretores do ICOM a partir de 1946 e de 1962, respectivamente;
 - 9ª Conferência Geral do ICOM (1971), realizada entre Paris, Dijon e Grenoble, com o tema "*Museu a serviço do homem, hoje e amanhã*";
 - O primeiro anúncio público do termo ecomuseu (Dijon, 1971), por Robert Poujade, prefeito da cidade e primeiro ministro francês da pasta do meio ambiente.

Hoje se compreende a cultura como criadora das condições necessárias para o desenvolvimento e a preservação cultural como fator indispensável a qualidade de vida. A Museologia contribui especificamente nesta área.

Porém foi necessário um longo percurso de debates e reflexões até a Museologia tomar consciência de seu papel social no mundo contemporâneo. Para compreender estas ondas de renovação, alguns documentos são fundamentais, notadamente, na América Latina, onde a maior parte deles tomou corpo:

Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, Rio de Janeiro – 1958 (ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 11-16)

Neste seminário precursor foram debatidas questões como a adequação das exposições ao objetivo educativo dos museus, no sentido de superação das barreiras que ainda o separavam do público.

Pontos de destaque: relação do museu com educação; exposição museológica agradável e propositiva, ao invés de impositiva; caráter científico da Museologia (museografia como técnica a ela associada); o

objeto como cerne do museu; utilização de todos os recursos disponíveis para potencializar a relação sujeito-objeto; papel transformador do museu; ênfase na relação museu-escola.

Mesa-Redonda sobre o Papel do Museu na América Latina (organizada pela UNESCO), Santiago do Chile – 1972 (ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 20-25)

Reconhecida como a mais importante contribuição da América Latina para o pensamento museológico internacional², sua importância decorre especialmente da inserção, nas discussões, do papel social dos museus. Um museu para a A.L. que acompanhasse as rápidas transformações sociais, econômicas e culturais e contribuísse para a formação de consciências. Ao mesmo tempo, propõe a manutenção das instituições já existentes e enfatiza uma transformação necessária na própria mentalidade dos profissionais de museus.

Decisões gerais: opção pela interdisciplinaridade; esforços para recuperação e uso social do patrimônio; acessibilidade às coleções; modernização da museografia; implantação de avaliações institucionais; aperfeiçoamento da formação profissional na A.L.; responsabilidade com a conscientização da sociedade sobre suas problemáticas. São temas tão candentes e essenciais que ainda hoje os museus estão processando sua implantação.

Fato a destacar para a compreensão do contexto de gestação do documento é que o educador Paulo Freire chegou a ser indicado para presidir a mesa-redonda, mas foi vetado pelo delegado brasileiro da UNESCO. A função foi partilhada por quatro coordenadores, sendo que o argentino Jorge Enrique Hardoy, especialista em Urbanismo, destacou-se devido às suas reflexões sobre a realidade da explosão urbana, que estava à margem das preocupações dos museólogos, até então. Com base nestas reflexões e em outras sobre o mundo urbano e rural trazidas pelos outros três especialistas, foi gestado, em espanhol, o conceito de “*museu integrado*”, posteriormente traduzido com alguma confusão, para as demais línguas, como museu integral.

² Anotações de aula do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (CEMMAE) referentes ao seminário de Peter Van Mensch dias 02 a 06/10/2000.

Princípios de Base de uma Nova Museologia, Declaração de Quebec – 1984 (ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 30-31)

Documento fundador do MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia. Surge da necessidade de ampliar a prática museológica e de integrar nessas ações as populações. Chama ao uso da interdisciplinaridade e de métodos modernos de gestão e comunicação; prioriza o desenvolvimento social.

Resoluções: reconhecimento desse movimento e de novas tipologias de museus; ação junto aos poderes públicos pela valorização de iniciativas locais baseadas nesses princípios; criação de estruturas internacionais do movimento. Museologia de caráter social em oposição ao colecionismo: testemunhos materiais e imateriais serviriam a explicações e experimentações, mais que à formação de coleções; investigação social enquanto identificação de problemas e de soluções possíveis; objetivo de desenvolvimento comunitário; o museu para além dos edifícios (inserção na sociedade); a noção de público dando lugar à de colaborador; a exposição como espaço de formação permanente e não de contemplação.

Seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios”, Declaração de Caracas – 1992 (ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 36-45)

São mantidos a prioridade à função sócio-educativa do museu, o estímulo à reflexão e ao pensamento crítico e a afirmação do museu como canal de comunicação. Ocorre uma reafirmação de princípios e uma avaliação crítica da trajetória que a Museologia vinha construindo desde o Rio de Janeiro, em 1958. Aspectos discutidos: a inserção de políticas museológicas nos setores de cultura; a consciência sobre o poder da Museologia no desenvolvimento dos povos; a ação social dos museus; as estratégias para captação e gestão financeira, questões legais e organizacionais dos museus; os perfis profissionais; o museu como meio de comunicação. A cultura como instrumento de valorização do local, particular, em contrapartida à globalização, e o museu como fortalecedor das identidades para conhecimento mútuo entre os povos da A.L. (integração); o patrimônio como instrumento de conscientização da comunidade; o museu como gestor social (propostas de interesse do seu público e compromisso com a realidade e com sua transformação).

Novos desafios para os museus: serem espaço para a relação do homem com seu patrimônio com os objetivos de reconhecimento coletivo e estímulo à consciência crítica; desenvolverem a especificidade de sua linguagem em seus aspectos democráticos e participativos; refletirem a diversidade de linguagens culturais com base em códigos comuns e reconhecíveis pela maioria; revisarem o conceito de patrimônio passando a enfocar também o entorno; adotarem o inventário como instrumento básico de gestão patrimonial; estabelecerem mecanismos de administração e captação de recursos como base para uma gestão eficaz.

Novos paradigmas:

A chamada crise de identidade dos museus gerou, portanto, novos modelos conceituais e institucionais cujo cerne passa pela redefinição de quem é seu público e como se dirigir a ele. A qualidade na interação entre o indivíduo e o objeto se sobrepondo ao interesse em ampliar o número de visitantes (DESVALLÉES, 1992, *op. cit.*, p. 19). Derivam disso transformações necessárias como a aproximação, desde as seleções de acervos até suas interpretações, do interesses e das condições de compreensão dos públicos; e, por outro lado, as interpretações substituindo os entesouramentos. O museu seria necessariamente um intermediário, um *locus* onde as contribuições culturais das minorias devem ser expostas e compreendidas.

Um estudo de Peter Van Mensch organiza as múltiplas tendências do pensamento museológico contemporâneo³ e revela a inexistência, até

³ Para Peter Van Mensch existem quatro tendências do pensamento museológico internacional a partir do exame da produção do ICOFOM, a saber:

- Estudo da finalidade e organização dos museus. É a adotada pela UNESCO no documento do Rio de Janeiro (1958), já apresentado;
- Estudo da implementação e integração das atividades dos museus com vistas à preservação e uso da herança cultural e natural;
- Estudo dos objetos museológicos (cultura material) e da musealidade como a definiu Stránský, associada à informação contida nos objetos museológicos e seu processo de emissão;
- Estudo de uma relação específica entre homem e realidade

A terceira tendência aqui apresentada desdobrava-se anteriormente em outras duas, segundo Van Mensch: estudos dos objetos de museu e estudos da musealidade. A rearticulação em quatro níveis das tendências é a opção atual desse museólogo. (Comunicação pessoal durante o CEMMAE)

o momento, de uma orientação vitoriosa, o que caracterizaria uma crise de paradigmas na Museologia, pela coexistência de paradigmas distintos (CHAGAS, 1996, p.29).

Desvallées não considera que o movimento atual seja inovador ou revolucionário, mas um retorno à Museologia, que havia envelhecido e perdido alguns de seus princípios, forjados já na Revolução Francesa, como o da democratização dos museus. Esta Museologia retoma, para os museus de todas as disciplinas, o que Claude Lévi-Strauss definiu em 1954 para os de Antropologia: que não serviriam exclusivamente para recolher objetos, mas, sobretudo, para compreender os homens. O ponto focal do museu não são os artefatos, mas o meio ambiente, as crenças, as atividades do homem, das mais simples às mais complexas (DESVALLÉES, 1992, p.24 e p. 59).

Vimos surgir, de acordo com Heloísa Barbuy, uma Museologia “guiada pelo sentido de dessacralização dos museus e, sobretudo, de socialização, de envolvimento das populações ou comunidades implicadas em seu raio de ação” (BARBUY, 1995, p. 209). A mesma autora afirmou que “A Museologia, então, não apenas estuda a relação entre o homem e a realidade, entre o homem e o objeto mas procura, também, atuar sobre esta relação e transformá-la”. (BARBUY, 1989. p. 37)

Esta concepção não ignora as coleções já recolhidas aos museus e a responsabilidade necessária sobre este patrimônio. Um museu nada pode fazer sem uma coleção, um núcleo selecionado que faz o papel de instrumento mnemônico e de resumo da experiência coletiva. O poder dos museus está em suas idéias mas, apesar de não ser fator capaz de determinar sozinho a excelência do museu, a boa gestão das coleções é essencial. A reavaliação do objeto de estudo da Museologia e do foco de atuação dos museus deslocou-se entre a coleção e as relações do homem com seu patrimônio. O novo objetivo é o desenvolvimento global e a nova missão, refletir a totalidade do meio ambiente e da atividade do homem, mas utilizando a mesma linguagem: a das coisas reais, reunidas de modo a perceber as relações entre os objetos e seu contexto (VARINE-BOHAN *in* DESVALLÉES, 1994, p. 65-73). A partir deste rompimento com a idéia de coleção como fonte geradora dos processos museológicos, a Museologia permite vislumbrar a possibilidade de integrar outros aspectos do patrimônio e potencializar a ação interdisciplinar.

Fato museal	relação entre	HOMEM	-	OBJETO	-	CENÁRIO
Modelos institucionais		museu tradicional = público	-	coleção	-	edifício
		novo museu = população	-	património	-	território

O sentido da existência dos museus é expresso nas seguintes afirmações de Waldisa Rússio: “(...) *não basta ao ser humano a fruição de um grande conforto material quando sua alma está suspensa, presa por um fio de insatisfação*” e “(...) *o homem tem sentido e demonstrado, tão nítida e sofridamente, a consciência da sua finitude e o seu desejo de transcendência*” (RÚSSIO, 1977, p. 142).

“Sem a noção de que museu é o registro da trajetória humana sobre a terra, sem esta compreensão inicial a alicerçar idéias e reflexões, será impossível uma visão mais clara do conspecto museológico e, mesmo, uma análise profunda de cada aspecto em particular. A organização do museu não pode alienar-se do processo social, como um todo; é esta atitude esquivada de alheamento que o vem condenando, sistematicamente, ao esquecimento” (Idem, p. 133).

É preciso discutir para quem é esta herança e qual o sentido de preservar. A razão da preservação é assim vista por Mário Chagas, amparado na origem latina do termo preservação (*Praeservare* – ver antecipadamente o perigo): “*o perigo maior que paira sobre um bem cultural é a sua própria morte ou deterioração*”(CHAGAS, 1999, p. 104), e “*o sentido da preservação está na dinamização (ou uso social) do bem cultural preservado*” (Idem, p. 105).

Neste sentido, Varine se contrapõe a uma cultura para consumo turístico: “*Aceitaremos a transformação do museu em um lugar reservado ao público dos hotéis e restaurantes?*.(VARINE-BOHAN in DESVALLÉES, 1992, p. 54). No seu entender, é a cultura que deve criar as condições necessárias ao desenvolvimento. No museu, encontram-se todos os valores fundamentais do indivíduo e também as respostas achadas pelos diversos grupos humanos aos problemas sucessivamente colocados. Mas também, lá podem ser achados valores e respostas encontrados por outros grupos e que possam ser úteis ao seu desenvolvimento, desde que perfeitamente digeridos e fundidos aos seus

valores e respostas tradicionais. O museu precisa ser “*descolonizado culturalmente*” (Idem, p. 58) e o perfil de um profissional de museu deve aproximar-se de um técnico de desenvolvimento, no sentido de busca das respostas locais para os problemas específicos colocados a uma região.

Jorge Enrique Hardoy analisou o papel dos museus na sociedade diante do processo mundial de urbanização, como instituição cuja existência decorra da análise contínua e apresentação do que o homem faz atualmente por ele e seus semelhantes. Seu papel seria pôr os valores humanos em primeiro plano, a contribuição para dissipar crenças e preconceitos. Para isso, deveriam fazer cair os muros que protegem o passado intocável e infalível e consagrarem-se a um presente onde o homem comum possa assumir sua dimensão de ator principal: expor exatamente os problemas críticos da sociedade. Sua missão deveria ser criar as bases da compreensão dos problemas, para formar indivíduos responsáveis por um processo de mudanças sociais e políticas, porque, numa época de transformações aceleradas, instituições não revolucionárias não podem sobreviver (HARDOY *in* DESVALLÉES, *op. cit.*, p. 213-222).

A contribuição dos museus ao desenvolvimento deve ser se constituírem em núcleos de inspiração, lugares de profusão cultural, matrizes fecundas onde se fundem as teorias humanas do desenvolvimento não somente econômico, mas um momento da criação contínua do homem pelo homem em todas as suas dimensões (ADOTEVI *in* DESVALLÉES, *op. cit.*, p. 133-134). As exposições museológicas devem pôr em causa os problemas da sociedade atual, exhibir os problemas de hoje pondo-os em paralelo com seus equivalentes históricos. Desta maneira, os museus podem ser guias da ação mais que seguidores dos modelos de gerações anteriores (KINARD *in* DESVALLÉES, *op. cit.*, p. 102), e, como catalisadores da evolução social, achar o seu lugar na história humana, o de uma instituição das mais esclarecidas que o espírito humano já concebeu (KINARD *in* DESVALLÉES, *op. cit.*, p. 116). Porém, ao invés de funcionar como vitrine da Ilustração, o museu deve promover a reflexão e basear-se mais na provocação que na instrução (TILDEN *in* DESVALLÉES, *op. cit.*, p. 243-258).

Maria Célia Santos aponta o caminho do desenvolvimento pela qualificação da cultura no sentido de “*um processo interativo de ações de pesquisa, preservação e comunicação, objetivando a construção de uma nova prática social*” (SANTOS, 1996, p. 276). Bruno entende que a Museologia possa ser instrumento para a articulação entre preserva-

ção e desenvolvimento (BRUNO, 1996, p. 08) e aponta para o “*uso qualificado que a sociedade pode fazer da herança patrimonial musealizada*” (BRUNO, 1998, p. 29).

O ingresso da reflexão sobre desenvolvimento por meio da preservação e da ação museológica foi possível somente com as alterações profundas na relação entre museu e passado. Hoje, esta não é a única temporalidade à qual se liga o museu: ele articula presente, passado e futuro, como “*deflagrador das utopias*” (RÚSSIO, 1977., p. 26). A musealização tem sentido não somente de registro do passado, mas de preservação do presente e antecipação do futuro. A própria experiência do tempo teria sido contemporaneamente revolucionada: “*presente, passado e futuro diluem-se numa percepção de permanente atualidade, onde preservação e transformação se equivalem*” (SCHEINER, 1998, p. 97). Para Mário Chagas: “*a rigor, não se preserva no passado e para o passado, preserva-se no presente e para o presente. Preservado aqui e agora o ser preservado em linha projetiva alcança o futuro*” (CHAGAS, 1996, p. 81). “*A cada dia assenta-se mais a noção de que a sobrevivência da instituição museal depende da sua capacidade de, enquanto espaço cultural aberto e público, abrir-se para o tempo presente, para aquilo que de museológico existe fora dos limites espaciais do museu institucionalizado*” (Idem, p. 99).

A relação do museu com o seu entorno social abriu uma discussão liderada inicialmente por Duncan Cameron (*in* DESVALLÉES, 1992, p. 77-86)⁴, com questões sobre o sistema de comunicação e a linguagem dos museus, preocupando-se com seu caráter elitista. O autor confrontou o museu-templo, onde se encontram os vencedores, e o museu-fórum, local das batalhas. Aquele entroniza os produtos da ação e este abre espaço para fomentar a própria ação (CAMERON, *in* DESVALLÉES, p. 93), mas sem perder suas especificidades, preocupado em se desenvolver enquanto museu, com ênfase mantida no caráter preservacionista e de meio de comunicação.

⁴ Outro texto do mesmo autor a retomar o tema é “*Les parquets de marbre sont trop froids pour les petits pieds nus*” (1992) *in* DESVALLÉES, 1994, *op. cit.*, p. 39-57. Nele a inspiração é a frase de Mário Vasquez para explicar como a Casa del Museo, no México, estava suprindo lacunas que o Museu Nacional de Antropologia, devido à imponência, não resolvia em sua atuação. Para Vasquez, o problema estava em que este havia esquecido que os pisos de mármore são muito frios para os pés de suas crianças.

Esta dicotomia museu-templo x museu-fórum é tratada também por Mário Chagas, para quem o museu se faz arena, tem sua gota de sangue, suas contradições. Distancia-se “*da idéia de espaço neutro e apolítico de celebração da memória*” (CHAGAS, 1999, p. 19) e assume a denúncia, a crítica e a reflexão.

Bruno tem se detido com afinco na caracterização do objeto de museu como objeto-diálogo. Ainda que mantenha a afirmação de aspectos de documentalidade, testemunhalidade e fidelidade nos objetos, considera que eles não falam *per si*, mas que seus sentidos e significados são construídos na relação com o público. Desde a Declaração de Caracas, o museu se reafirmou como meio de comunicação: “Ao lado de seu evidente compromisso com a preservação, o museu deve ser pensado e realizado como um canal de comunicação, capaz de transformar o objeto testemunho em objeto diálogo, permitindo a comunicação do que é preservado. Às antigas responsabilidades de coletar, estudar, guardar o patrimônio, outras exigências se impuseram” (BRUNO, 1998, p. 08-09).

Ao priorizar a Comunicação/Educação, “*o importante não é onde se aprende, mas o O QUE e COMO se aprende, sendo o objetivo maior o próprio processo da construção do conhecimento*” a Museologia sugere, para Teresa Scheiner (1992, p. 16), diversas outras formas de contato com o público, que não unicamente as visitas aos museus: exposições itinerantes, mostras em locais de grande movimentação, atividades extra-muros, identificação de novos cenários museológicos como o ecomuseu, o museu comunitário, o patrimônio ambiental, os conjuntos arquitetônicos e urbanísticos ou sítios arqueológicos e seus entornos, etc.

Cristina Bruno especifica a função educativa dos museus como sendo de: “*Aperfeiçoamento da capacidade intelectual, artística, ideológica, cultural, etc*”. e de “*Conduzir o público à reflexão de sua realidade*” (BRUNO, 1998, p. 27). A arena museológica de Chagas é “campo fértil para a ocorrência o processo educativo transformador, capaz de estimular a *descoberta*, de produzir *novo conhecimento*, de despertar novas *emoções, sensações e intuições*”(CHAGAS, 1996, p. 84). O aprendizado baseado na relação dialética entre educador e educando e com base no diálogo permite a “*transformação do bem cultural em bem social*” (Idem, p. 62).

Russio, em suas propostas, baseava a formulação das atividades educativas em uma concepção de aprendizado constante. Entrevemos aí paralelos com a educação libertadora desenvolvida em processo permanente, de Paulo Freire. Como características comuns, o desenvolvi-

mento da criatividade, do senso crítico e da consciência, numa perspectiva que aquela autora denomina ecológico-humanista. Maria Célia Santos julga que “*A relação entre museu e educação é intrínseca, uma vez que a instituição museu não tem como fim último apenas o armazenamento e a conservação, mas, sobretudo, o entendimento e o uso do acervo preservado, pela sociedade, para que, através da memória preservada, seja entendida e modificada a realidade do presente. Nesse sentido, a própria concepção do museu é educativa, pois, o seu objetivo maior será contribuir para o exercício da cidadania, colaborando para que o cidadão possa se apropriar e preservar o seu patrimônio, pois ele deverá ser a base para toda a transformação que virá no processo de construção e reconstrução da sociedade, sem a qual esse novo fazer será construído de forma alienante*” (SANTOS, 1993, p. 99).

Santos e Bruno estão lado a lado na definição da educação e da conscientização como parâmetros para o desenrolar do papel social dos museus, sem cujas limitações sua ação pode perder as especificidades e confundir-se com atuações de outras áreas do conhecimento. Para Freeman Tilden, a educação em museus deveria mais provocar que instruir, e o princípio básico da interpretação, como ele denomina a leitura do universo patrimonial, é que deva apelar necessariamente a um traço da personalidade ou da experiência do visitante. Aproxima-se assim, da noção de educação de Paulo Freire, um forte amparo teórico para a Museologia no que diz respeito a metodologias para a ação educativa⁵.

Cristina Bruno delimita precisamente a função social da instituição museu de acordo com um perfil preservacionista, científico e educativo (BRUNO, 1995, p. 65). Maria Célia Santos se posiciona da seguinte forma: “*Para nós, o simples ato de preservar, isolado, descontextualizado, sem objetivo de uso, significa um ato de indiferença, um ‘peso morto’, no*

⁵ Freire participou dos programas de alfabetização da UNESCO, particularmente no Chile, e também nas reflexões do Conselho Ecumênico das Igrejas sobre as condições de desenvolvimento. Formulou as bases de uma **educação libertadora** em substituição à educação “bancária”. Esta proposta, baseada na ideia de uma troca dinâmica entre educador e educando, corresponderia, nos museus, à abolição das barreiras culturais. Os temas de conscientização e mudança, o engajamento social e político do educador, presentes em Paulo Freire estão no documento final de Santiago, mesmo sem sua ida ao encontro. Devido à importância deste documento para a Museologia contemporânea, estas contribuições continuam se multiplicando nas reflexões atuais.

sentido de ausência de compromisso. Entendemos o ato de preservar como instrumento de cidadania, como um ato político e, assim sendo, um ato transformador, proporcionando a apropriação plena do bem pelo sujeito, na exploração de todo o seu potencial, na integração entre bem e sujeito, num processo de continuidade” (SANTOS, 1993, p. 52). Esta autora postula um museu efetivamente representativo da identidade cultural, “*onde o cidadão comum encontre traços da sua cultura, do fazer do seu dia-a-dia, se identifique como aquele que participa da História, que, sem perder de vista as suas raízes, utiliza-a como referencial, compreende o seu presente e constrói o seu futuro*” (Idem, p. 19).

É nessa linha de pensamento que se encontra também Heloisa Barbuy, ao centrar o papel social e educativo do museu no seu potencial “*de aumentar a capacidade de uma coletividade de projetar seu próprio futuro e de ser sujeito ativo – e não passivo – de sua própria história, a partir da consciência que passa a ter de si mesma*” (BARBUY, 1989, p. 36), já que “*a ação cultural exercida pelos museus e por outras instituições culturais tem importante papel na relação que o homem desenvolve com sua realidade*” (Idem, p. 40).

Waldisa Russio propôs um museu propiciador do questionamento, da crítica, da avaliação, da ética e da transformação: “*O museu deve ser compreendido como um processo em si mesmo, como uma realidade dinâmica. (...) O museu não existe isoladamente, mas dinamicamente, na sociedade*” (RÚSSIO, 1977, p. 132). A atitude contrária estaria relegando o museu gradualmente ao esquecimento. A necessidade de mudança de rumos esteve presente na carta de Quebec, 1984, que pregou um museu para além dos edifícios, inserido na sociedade.

Teresa Scheiner alerta para o papel de “*estabelecimento e manutenção da compreensão e da tolerância intercultural*” (SCHEINER, 1992, p. 135), no seu entender, ainda por realizar. Como espelho, o museu lida simultaneamente, com identidade e alteridade, dentro de uma postura contemporânea de reconhecimento da pluralidade. Entre outros fenômenos, a globalização, criou seu inverso, o reforço das identidades regionais.

Para a concretização deste museu, uma metodologia foi proposta: integração da instituição na comunidade; transformação do museólogo, cuja formação deve ser tripla (científica, técnica e de desenvolvimento); abandono do caráter unidisciplinar do museu; adaptação das atividades e métodos do museu à comunidade próxima; associação ao museu de

representantes da comunidade, particularmente dos jovens, a partir da elaboração de programas que resultem numa avaliação institucional permanente; orientação sistemática do museu tanto para a pesquisa como para a animação cultural; vocação territorial (NACIONAL '!' REGIONAL '!' LOCAL) dos museus em substituição às tipologias (CAMERON *in* DESVALLÉES, 1992, p 60-61).

A importância dos museus na construção de identidades nacionais, um aspecto que, segundo alguns autores já estaria já resolvido no primeiro mundo (FATTOUH e SIMEON, 1997, p. 48), aparece ainda nos países subdesenvolvidos. Na busca incessante destes pelo ingresso no “*concerto das nações*” (BARBUY, 1999; CHAGAS, 1999), os museus reconhecem a importância de determinar sua vocação territorial, com base em distintos níveis de identidade. Aos museus de caráter nacional, somam-se os regionais e os locais. No Brasil, o conceito de museus de território pouco a pouco passa a gerar processos museológicos. Neste sentido vale alertar, como Heloisa Barbuy, para “*o limite entre o caráter revolucionário ou conservador da construção de identidades culturais*” (BARBUY, 1995, p. 222).

A reflexão sobre a tensão entre memória e poder é recorrente na produção de Mário Chagas, que busca compreender os museus simultaneamente como potenciais espaços celebrativos da memória do poder ou arenas para o levante democrático do poder da memória: “*O diferencial, neste caso, não está no mero reconhecimento do poder da memória e sim na colocação dos ‘lugares de memória’ ao serviço do desenvolvimento social, na compreensão teórica e no exercício prático da memória como direito de cidadania e não como privilégio de grupos economicamente abastados*” (Idem, p. 22).

E qual é o poder da memória? Para Russio, defensora do caráter preservacionista da Museologia, este deveria se fundamentar na visão prospectiva. A especificidade da ação museológica é o pressuposto da preservação, com um sentido não de saudosismo, mas de informação para ação (RÚSSIO, 1990, p. 10). A preservação tem fundamento político, este é o uso social do patrimônio. Da mesma forma, Maria Célia Santos defende a preservação compromissada com uma opção política e transformadora (SANTOS, 1993, p. 52). Não resta dúvidas, porém, que a preservação tanto pode servir à transformação como à manutenção da ordem estabelecida e dos privilégios. Cabe ao museólogo posicionar-se quanto a isto.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM NOVO CONTEXTO

As profundas alterações epistemológicas da Museologia não podiam deixar de refletir nas bases da formação profissional. O novo museu, as novas relações, exigiram um profundo repensar de uma carreira até aquele momento pouco profissionalizada e ainda voltada para estudos de coleções que compunham o eixo da Museologia mais tradicional. Aos compromissos com a manutenção física dos acervos somaram-se tantos outros que os museólogos precisaram também desconstruir os padrões clássicos de sua própria formação.

Mário Chagas critica a formação profissional autoritária, burocrática e desvinculada de compromissos sociais (CHAGAS, 1996, p. 96). Relacionou sete imagens de museólogos a sete perigos: o ególatra, o primeiro-mundista, o tupiniquim-xenófobo, o conservador, o colecionador, o especialista e o generalista seriam tipos característicos dos desvios de condutas profissionais na Museologia. Suas atuações estariam permeadas por perigos como a centralização no objeto, a mentalidade colecionista, a obsolescência da informação, o afastamento da realidade social, a carência de embasamento teórico, a não valorização dos trabalhos de pesquisa e o enfoque autoritário. Com postura crítica, mas não pessimista, propõe que a identificação dos problemas conduza à dissolução das imagens e afastamento dos perigos (Idem, 117). Entre as exigências atuais, o autor destaca a interdisciplinaridade.

O primeiro curso de formação em nível de pós-graduação em Museologia no Brasil foi criado, em São Paulo, por Waldisa Russio (1978). Para ela, a formação e a profissionalização na área enfrentam desafios como acompanhar os museus nas novas exigências que lhe são feitas e em posicionar-se diante de um problema identificado por Bourdieu no fim da década de 60 e que no Brasil era ainda realidade (aliás, ainda hoje, é): a seleção de pessoal para museus não fundamentada em critérios de formação. Waldisa ressaltava ainda a “*necessidade de criar um sistema teórico próprio da Museologia é pois mais que determinante para o ensino da Museologia*” (STRANSKY *apud* RÚSSIO, 1989, p. 10).

Nos cursos mais antigos, da Bahia e do Rio de Janeiro, as novas exigências suscitaram reformulações curriculares como a da UFBA, em 1989, onde a ação museológica passou a voltar-se mais para o binômio preservação-dinamização culturais. O conhecimento voltado somente para as coleções foi minimizado a partir da idéia de que o profissional da

área deve dominar a técnica para aplicá-la a qualquer contexto, mas para isso, precisa saber analisar este contexto, e adaptar suas técnicas a ele, trabalhar interdisciplinarmente e em envolvimento com a comunidade local, além de realizar uma avaliação constante do processo. A partir de 1995 houve também a implantação do novo currículo de Museologia da UNI-RIO.

Hoje as frentes de formação profissional se ampliaram, existem de cursos técnicos até o nível de mestrado. Abrem-se cursos de graduação, o mais recente deles, na Universidade Federal de Sergipe, mas também em diversas universidades públicas e faculdades privadas, na Bahia, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. Especializações em Museologia existem do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Na Unirio existe, desde 2006, o Mestrado em Museologia e Patrimônio. O grau de excelência dos cursos e a reflexão acadêmica sobre a função social dos museus permitem pensar em um futuro de instituições cada vez mais qualificadas e em sintonia com a realidade sócio-cultural contemporânea. Mas há ainda muito a fazer e é necessário um compromisso também das políticas públicas para que as gestões dos museus não fiquem à mercê do personalismo e das rupturas de continuidade que já foram apontados como causas de parte dos problemas das instituições, mas que não serão resolvidos apenas com profissionalismo, qualificação e conhecimento científico. Há que se ter um verdadeiro compromisso com o papel social dos museus em todas as instâncias de decisão sobre ele, para que o museu que queremos se realize.

BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Cristina (orgs.). **A memória do pensamento museológico brasileiro: documentos e depoimentos**. Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

BARBUY, Heloisa. "Museu e geração de cultura". *In: Cadernos Museológicos*, 2. Rio de Janeiro: MinC / SPHAN / Pró-Memória, 1989. p. 36-40.

_____. "A conformação dos ecomuseus: elementos para a compreensão e análise". *in Anais do Museu Paulista – História e cultura material*. Nova Série, V. 3. São Paulo: Universidade de São Paulo, jan./dez. 1995. p. 209-36.

_____. **A exposição universal de 1889 em Paris: visão e representação na sociedade industrial**. São Paulo: Edições Loyola, 1999. (Série Teses).

BARON, Dan. **Alfabetização cultural: a luta íntima por uma nova humanidade**. São Paulo: Alfarrábio, 2004.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema**. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. (Tese de Doutorado).

_____. **Museologia e comunicação**. Lisboa: ULHT, 1996. (Cadernos de Sociomuseologia, n. 9).

Museologia para professores: os caminhos da educação pelo patrimônio. São Paulo: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1998a.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro**. Lisboa: ULHT, 2003. (Cadernos de Sociomuseologia, 20). 259 p.

CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, 13)

_____. **Museália**. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

DESVALLÉES, André. **Vagues: une anthologie de la nouvelle museologie**. Paris: W M. N. E. S., 1992. Vol. 1.

_____. **Vagues: une anthologie de la nouvelle museologie**. Paris: W M. N. E. S., 1994. Vol. 2.

DIREITO à memória: patrimônio histórico e cidadania, O. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.

FATTOUH, Nadine, SIMEON, Nadia. ICOFOM – Orientations museologiques et origines géographiques des auteurs. **Paris: École du Louvre, 1997**.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LA MUSÉOLOGIE Selon Georges Henri Rivière. França: Dunod, 1989.

MOUTINHO, Mário. **Museus e sociedade — reflexões sobre a função social dos museus**. Monte Redondo: s. ed., 1989. Cadernos do Patrimônio, 5.

MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais. Número 1. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais. Número 2. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.

MUSEOLOGIA Social. Porto Alegre: EU/ Sec. Municipal da Cultura, 2000.

RUSSIO, Waldisa. **Museu? Um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento**. São Paulo: FESP, 1977. (Dissertação de Mestrado).

_____. “Museologia, Museu, museólogos e formação”. *in* **Revista de Museologia**, 1. São Paulo, 2º sem. 1989. p. 7-11.

_____. “Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação.” *in* **Cadernos Museológicos**, 3. Rio de Janeiro: IBPC, 1990.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Processo museológico e educação: construindo um museu didático-comunitário**. Lisboa: ULHT, 1996. (Cadernos de Sociomuseologia, 7).

_____. **Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

SCHEINER, Tereza Cristina. **Apolo e Dioniso no Templo das Musas**. Museu: gênese, idéia e representações em sistemas de pensamento da sociedade ocidental. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1998. (Dissertação de Mestrado)

_____. “Museus universitários: educação e comunicação”. **Ciências em Museus**, V 4. Belém: Museu Goeldi/ CNPq, 1992.

